

AS TRÊS NEGAÇÕES DE PEDRO *

«E logo o galo cantou pela segunda vez. Então Pedro lembrou-se das palavras que Jesus lhe tinha dito: "Antes que o galo cante duas vezes, tu negar-me-ás três vezes". E pôs-se a chorar». Marcos 14:72

As grandes negações da História (e por certo também certas afirmações) surgem na iminência das grandes mudanças pessoais ou colectivas, no auge de um período ou ciclo que finda, para que, naturalmente, outro comece. Quando o Bem abre clareiras, logo se lhe opõe o Mal e, ainda que este seja relativo, é uma força que está no teatro do mundo. Lei da Natureza: *a uma acção corresponde sempre uma reacção*. O leitor pode verificar que a um determinado pioneirismo cultural e espiritual (um movimento literário ou fundação de uma doutrina, por exemplo) segue-se depois um período de apatia, não só pela reacção de forças adversas como pela dificuldade em si dos discípulos continuarem com a mesma elevação o trabalho dos iniciadores. E até a nossa querida Fraternidade Rosacruz não escapou desse princípio!

A negação, considerada no percurso espiritual do estudante/probacionista /discípulo, segue o mesmo paralelismo, isto é, em alguma etapa negamos o Mestre e/ou a filosofia que abraçamos. Pode não ser uma negação explícita e não o será à medida que se avança, mas não nos esqueçamos do Padre António Vieira quando há três séculos já falava nos «pecados de comissão» e nos «pecados de omissão», assunto este que Max Heindel retoma numa das suas lições. O que deixamos de fazer pode, em certas circunstâncias, ser pecado no sentido de ofensa e de negação.

A negação pode pôr a descoberto as nossas fraquezas, que nos podem também assustar repentinamente, e isto não estará longe do que a moderna psicologia chama «a sombra» de cada um. Quantas vezes negámos as nossas convicções, não claramente, mas em actos que ferem a essência dos princípios! Alguns exegetas bíblicos têm visto na negação de Pedro a negação da própria Igreja católica ou romana, como por exemplo, na inquisição ou em certa promiscuidade no seio do clero. Mas é certo que não há seres humanos perfeitos e que a igreja romana existe porque deve existir.

Mas, se bem observarmos, este sentido da negação encontramos-lo também em Saulo, quando a caminho de Damasco, ao ouvir a voz «Porque me persegues?», reconhece que a sua vida até ali, perseguindo e oprimindo os cristãos, tinha sido uma negação da mensagem de fraternidade do Mestre quando disse: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei». A propósito, se bem observarmos, não deixa de ser injusto que as igrejas tenham ao longo do tempo insistido severamente no acto de Judas de vender/trair Cristo parecendo ignorar ou suavizar as três negações de Pedro. A traição de Judas, sob o ponto de vista esotérico, como explica Edmundo Teixeira no seu Curso de Cristianismo, não foi traição, mas algo que tinha que ser feito e que os restantes discípulos não entendiam. Diz E. Teixeira que Judas, sabendo o que realmente esperava Jesus-Cristo, temeu que Ele não superasse tão grande Sacrifício, levantou-se e saiu amargurado da Última Ceia. Ainda hoje, embora seja um acto temporal, podemos ver nos «doutoramentos honoris causa» que uma figura de relevo deve publicamente mostrar enaltecer as qualidades do candidato a essa causa de honra, e seria um grande vexame se isso não fosse correspondido.

Assim como a moeda falsa diz imediatamente que há uma moeda verdadeira, também a negação é uma dissonância mostrando que há uma consonância, e pode surgir no caminho de grandes almas como prova de avanço, desde que haja uma posterior conversão profunda e inabalável para a Luz.

Na obra «Mistérios das Grandes Óperas» de Max Heindel, lemos o seguinte: «Na cena de abertura, três dos Filhos de Deus, Espíritos Planetários, são vistos curvando-se ante o Grande Arquitecto do Universo, cantando a música das esferas em sua adoração ao Ser Inefável, que é a fonte de vida, o autor de todas as manifestações. (...) Enquanto os outros Espíritos Planetários se inclinam em adoração quando contemplam as obras do Mestre Arquitecto reveladas no Universo, Lúcifer emite a nota de crítica, de censura, nas palavras dirigidas contra a obra-prima de Deus, o rei das criaturas, o homem: *Tivesses Tu conservado nele a luz celestial/Que ele chama de razão mas não a usa/E cresce mais grosseiro que o irracional*».

Corinne Heline diz-nos que «a vida de São Pedro se desenvolvia entre a luz e a sombra, isto é, a escuridão do conflito e erro, entre provas e debilidades, produzindo arranques intermitentes de glória até que finalmente ele se rendeu à morte em um radiante branco resplendor de fé que foi verdadeiramente divino».

Quanto ao galo, na Tradição, é um símbolo solar, o despertar, a vigilância, o que se anuncia entre a noite e o dia. Pitágoras refere-se a ele desta maneira «alimentai o galo e não o imoleis, pois ele é consagrado ao sol e à lua».

Em resumo, o episódio do apóstolo Pedro deve ser motivo de reflexão, ainda que a natureza tenha sempre um galo pronto a um cantar de alerta, felizmente, pela misericórdia de Deus.

* Escrito na Páscoa de 2015. Revisto em Fevereiro de 2020.
Eduardo Aroso